

A maçã

JOCA REINERS TERRON

Era 1968. Konstantin voltou ao laboratório e pegou dis-
traidamente a maçã que sua mulher depositara na escri-
vaninha na noite anterior para que fizesse o desjejum.
Lena andava preocupada com sua saúde, e com razão, pois
ele se alimentava muito mal. Por dois segundos, ao observar
o brilho da casca vermelha, Konstantin cogitou comer a ma-
çã. Mas logo mudou de ideia e reuniu-a aos outros objetos
no interior do protótipo. Na área de transferência estavam
um velho relógio de pulso, que nunca atrasara sequer um
segundo, e uma ampulheta que pertencera a seu bisavô.
Sem piscar duas vezes, Konstantin pressionou o botão. Era
a centésima ocasião que fazia isso sem obter resultado, e seu
indicador começava a criar calo na ponta. Cinco minutos
depois, ao abrir a portinhola, o relógio e a ampulheta per-
maneciam intactos, mas a maçã havia desaparecido.

A partir dessa experiência, Konstantin nunca mais foi o
mesmo. Todas as manhãs ele ia ao laboratório, estacionava
diante do protótipo e observava a janelinha da área de trans-
ferência como se vislumbrasse através dela uma paisagem
do futuro repleta de macieiras. Não compreendia o sumiço
sem registros. A perda de apetite do marido preocupou Lena,
que deixou de escolher as maçãs mais vermelhas e roliças do
mercado. Ela não se lembrava lá muito bem da origem de sua
teoria, mas atribuía poderes inexplicáveis às maçãs. Talvez
tudo se devesse àqueles contos de fadas dos quais tanto gos-
tava quando menina, ou então à atração que sempre sentiu
pelo intenso rubro da casca. Durante anos seguidos, desde
a manhã seguinte ao dia no qual dormira pela primeira vez
com Konstantin, ela o alimentara com maçãs escolhidas com
devoção. Lena creditava sua felicidade às maçãs.

No entanto, depois de Konstantin relatar à mulher o que
acontecera ao acionar o protótipo, ela hesitou. Lena nunca
vira fruta tão reluzente como aquela que desaparecera na
experiência do marido. Parecia perfeita tanto no formato
quanto na cor. E o cheiro que soltava, então? Não parecia

uma maçã da Califórnia, nem de qualquer lugar dos Estados
Unidos, mas da Rússia de sua juventude. Era a maçã ideal, que
traduzia à perfeição o poder das maçãs e o amor que sentia
por Konstantin. E ele a desperdiçara numa de suas pesquisas,
veja só. Assim, com a crescente distração do marido, Lena
abandonou de vez a predileção pela fruta. Passou a servir
refeições mais calóricas. Adotou a comida congelada.

Konstantin nunca se conformou por não solucionar o
enigma. Estava velho, e suas chances chegavam ao fim. Dia
após dia ele notava que seu cérebro não tinha agilidade
idêntica à de outras épocas, e até equações fáceis exigiam
mais concentração do que jamais necessitara. “Se não fosse
pela fidelidade e devoção de Lena, eu não me lembraria de
comer”, resmungava. Preocupado nem tanto com a morte
mas com a perda da razão, ele deixara de prestar atenção às
mudanças no cardápio. Por outro lado, entre uma e outra
órbita de sua cabeça ao redor da Lua, Konstantin estranhava
o comportamento da mulher. Lena parecia mais triste e
passava horas diante da tevê. Também não lhe trazia mais
maçãs para o desjejum. Não parecia a mesma pessoa.

Poucos dias após completar 72 anos, em dezembro da-
quele ano, Konstantin deixou afixado um artigo na rede
mundial alternativa à internet conhecida como *thewall.net*.
Nele, explicava os motivos de seu fracasso como cientista. A
rede *thewall.net* era o registro *on-line* mais antigo existente.
Alguns especulavam sua origem desconhecida em cerca de
cem anos. Lá havia dependurado todo tipo de pergunta sem
resposta. A de Konstantin dizia assim: “O que você sabe sobre
viagens no tempo? Alguém encontrou uma maçã aparente-
mente surgida do nada?”. Morreu sem receber resposta.

Com o falecimento do marido, a vida de Lena deixou de
fazer sentido. Konstantin morreu tranquilamente, pois o Al-
zheimer apagara as obsessões científicas de sua mente. Dessa
forma, Lena pôde fazer o que melhor sabia: cuidar dele. Os
meses finais haviam sido bem tranquilos. Depois de alguns



meses de sua morte e das festas de final de ano, entretanto, Lena tornou-se nostálgica. Ela acordava no meio da noite e estendia os braços longamente em direção ao outro lado da cama, não encontrando o corpo de Konstantin. Até mesmo de seu ressonar asmático ela sentia falta, e dava risadas ao se lembrar disso. Quantas noites Lena passou sem dormir por causa do ronco de Konstantin! É esquisito como aquilo que leva uma pessoa a se apaixonar depois de um tempo torna-se o principal motivo de ódio. Talvez agora ela estivesse dando a volta completa. Havia superado a mágoa. Retornara ao início e enfim podia amá-lo novamente. Ela adormeceu.

Era 1938. Konstantin e Lena se conheceram na universidade de Moscou. Ela perdera os pais na adolescência e vivia sozinha num apartamento minúsculo perto da estação Dimitrovskaya, enquanto Konstantin concluía o doutorado no Instituto de Engenharia Física. Ele tinha 42 anos e nunca se casara. Lena completara 30 anos em janeiro. Ainda era virgem.

Quase sempre sozinho pelos corredores da escola, Konstantin parecia um pássaro de asas atrofiadas pela ausência de voo. Ele não era particularmente bonito, mas tinha uma cabeleira ruiva e ouriçada que o distinguia da multidão de estudantes. Quando falava, parecia prestes a irromper em chamas. Certa vez, em um baile, uma amiga comum chamada Larissa os apresentou. Era uma boa amiga.

Lena e Konstantin dançaram feito loucos naquela noite. Ele tinha um modo trôpego de caminhar que, de início, Lena atribuiu à vodca. Descobriu que ele não bebia somente ao beijá-lo sob a luz amarelada dos postes à margem do Volga. Poucas horas depois, naquela mesma noite, Lena já teria se apaixonado pelo jeito tortuoso de Konstantin de caminhar e de existir no mundo. E no início da manhã seguinte Konstantin já se tornara o mundo inteiro dela e somente dela e de mais ninguém.

Eles caminharam abraçados até a estação, e só descobriram ao chegar que os trens haviam parado de circular fazia muito tempo. No caminho, conversaram acerca das estrelas e falaram sobre o inverno e a neve e discutiram poesia e o fluir do tempo e Konstantin recitou bem alto uns versos de Pushkin que ela não conhecia. Ele então saltitou pela mureta ao longo do rio e Lena até perdeu o fôlego quando quase caiu. Os dois gargalharam abraçados, depois disso.

Ao passarem pela estação Dimitrovskaya, o sol começava a ser refletido pelos tetos de bronze da cidade ao longe. Diante de seu prédio, com o dia fulgurando no horizonte, Lena vacilou, mas acabou conduzindo o rapaz escadaria acima pelas mãos. Eles enroscaram-se no corrimão e se beijaram em celebração a cada patamar vencido, até atingirem a porta estreita de madeira do apartamento de Lena; Konstantin ergueu-a nos braços e a levou até a cama.

Bem no início da tarde seguinte, Lena despertou faminta. Sentia-se emergindo de um sono infinito e circular após receber um longo beijo. Enquanto descobria a distância que Konstantin ressonava num volume talvez alto demais para o seu gosto, revirou a cozinha sem encontrar nada que pudessem comer. Ao retirar a segunda lata vazia da prateleira, porém, Lena encontrou uma maçã que não se recordava de ter guardado ali. Sua casca era tão vermelha — Lena partiu-a ao meio e sentiu seu cheiro rubro —, simplesmente a maçã mais bonita que jamais vira; no quarto, Konstantin se espreguiçava.

Cada um mordeu sua metade da maçã. Naquele exato instante ambos souberam que estavam unidos para sempre.

JOCA REINERS TERRON é autor de *Curva de rio sujo* (2003) e *Sonho interrompido por guilhotina* (2006). O livro *Do fundo do poço se vê a lua recebeu o Prêmio Machado de Assis de romance concedido pela Biblioteca Nacional em 2010.*